

# CASTRAÇÃO: UM TEMPO, UM LUGAR

## *Castration: a time, a place*

Denise Costa Hausen<sup>1</sup>  
Neuza M. F. Guareschi<sup>2</sup>

### **Resumo**

O trabalho versa sobre a atualidade do conceito de castração, proposto por Sigmund Freud quando da criação da Psicanálise, no início do século que recentemente findou. Passa por distintas concepções acerca da noção de *tempo* para após tomar como intercessores temáticas da contemporaneidade - mais especialmente aquelas relacionadas à rapidez com que os conhecimentos são produzidos e transmitidos assinalando a instantaneidade e fluidez dessa transmissão. Reporta-se, para tanto, ao conceito de Dromologia cunhado por Paul Virilio. Dialoga, dessa forma, com questões relacionadas aos tempos atuais em que se observam tentativas de fazer desaparecer as diferenças, quer sejam das gerações, dos sexos ou das hierarquias, postulando que a sociedade de aceleração demanda uma outra exigência enquanto metáfora da castração: que se normatize um tempo intensivo em que a espera seja desqualificada enquanto tempo de passagem do desejo à ação, ensejando que os corpos sejam obrigatoriamente usados. Tema que merece uma reflexão especialmente direcionada à alteridade, problemática em foco quando nos atemos às sociedades contemporâneas. Indaga, portanto, acerca de qual norma constitui o incestuoso e o que está no pressuposto da Lei.

**Palavras-chave:** Castração, Contemporaneidade, Psicanálise, Temporalidade, Sociedade de Aceleração.

### **Abstract**

This paper is about the castration concept proposed by Sigmund Freud when creating Psychoanalysis in the beginning of last century. It goes through distinct conceptions of time for taking contemporary themes as intercessors after that, especially those themes related to the quickness in which knowledge is produced and transmitted pointing out the urgency and fluency of this transmission. The concept of Dromology, as created by Paul Virilio is revisited. At the same time, this paper dialogues with issues related to the actual times in which attempts of making differences disappear can be observed, being these differences between generations, genders or hierarchies, postulating that the society of acceleration demands another exaction while a metaphor for castration: that an intensive time be normatized in which the waiting is disqualified while a time of passing from desire to action, occasioning bodies that will be compulsorily used. This theme deserves a reflection especially directed to alterity, an important subject when we work with contemporary societies. It inquires therefore about which norm constitutes the incestuous itself and about what is presupposed in the Law.

**Keywords:** Castration, The Contemporary, Psychoanalysis, Temporality And Acceleration Society.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista, Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS, Membro Pleno do CEP de PA. Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS), Doutoranda do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais, Identidades/Diferenças e Teorias Contemporâneas, do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PUCRS).

<sup>2</sup> Professora/pesquisadora do PPGP – Faculdade de Psicologia – PUCRS. Coordenadora do grupo de pesquisa Estudos Culturais, Identidades/Diferenças e Teorias Contemporâneas.

Endereço para contato: Av. José Bonifácio, 519, sala 405 – Porto Alegre-RS – CEP 90 040-130.  
Email:deniseh@pucrs.br

## Introdução

*“A castração é corte, é perda,  
mas é, sobretudo,  
a possibilidade de crescimento enquanto  
saída do narcisismo e ingresso em um novo  
tempo: o do respeito e reconhecimento do outro”<sup>3</sup>*

A Psicanálise, como uma teoria que trata da singularidade do inconsciente, surge oferecendo-se como uma possibilidade de alargamento da psicologia do início do século passado, psicologia que acreditava na premissa do experimental, das ciências do cognoscente, da consciência. Nasce, portanto, rompendo com um paradigma, à medida que propõe a noção de um sujeito do desconhecido, do não saber. Traz também consigo uma crítica à cultura que marcava o século XIX, propondo, portanto, um outro estatuto ao inconsciente e à sexualidade.

Criada oficialmente no ano de 1900, com o livro *A Interpretação dos Sonhos*, escrito por Sigmund Freud, a Psicanálise foi contestada quando de sua apresentação ao mundo da ciência da época, porém progressivamente ela foi sendo incorporada também pelo mundo leigo, alcançando, de sua criação aos dias atuais, um lugar de relevância na cultura ocidental.

Ao longo desse tempo, tem sido questionada a atualidade de muitos de seus conceitos-norte, tendo-se como fundamento destas indagações, sobretudo, os avanços que se relacionam a tecnologias da reprodução humana além das transformações verificadas, por exemplo, nas configurações familiares. Aspectos relacionados à noção do que é da ordem do proibido e do permitido, do que é do público e do privado e, muito enfatizadamente, ao que é proibido e permitido com referência ao uso do próprio corpo e do corpo do outro. Perguntas acerca da possibilidade de considerarmos o olhar da mãe como inaugural do psiquismo, se pensarmos o olhar voltado para si próprio dos tempos atuais. Indaga-se – os próprios psicanalistas o fazem – se é possível seguir-se operando com os mesmos dispositivos propostos, teórica e tecnicamente, quando da inauguração da Psicanálise.

Inspiradas no acima proposto, e com o intuito de tomar esta discussão como um deflagra-

dor para pensar a teoria psicanalítica desde a perspectiva de sua atualidade e das possíveis transformações que marcam este saber, é que propomos estas reflexões. Apoiadas no conceito de Dromologia, termo cunhado por Paul Virilio, tomamos como intercessoras desse diálogo questões postuladas pelas *sociedades da aceleração*. O valor do estudo de uma transformação conceitual na obra freudiana oportuniza-se não apenas por conta de que vivemos o século seguinte à sua criação, o século posterior àquele em que Freud foi nomeado o cientista do século, mas também por ser uma obrigação ética, como psicanalistas, professores e pesquisadores, nossa produção teórica e clínica não se constituir em repetições.

## Psicanálise: campos de emergência

Quando a psicanálise nasce, traz consigo uma crítica à cultura que marcava o século XIX ao propor um outro estatuto ao inconsciente e à sexualidade. Atreve-se a dar voz a um sofrer psíquico que se denunciava pelo corpo, pelo sintoma. Passava a dar voz, e, portanto, escuta, a mulheres que sofriam e que não eram acolhidas pela medicina da época. Buscava a origem de seu padecimento. Mulheres de quem eram exigidas qualidades contraditórias: a pureza, a afabilidade, o recato (virginal e delicado) que inspirasse cuidado, proteção e amor; e, ao mesmo tempo, a firmeza e a capacidade para administrar e guardar a casa e o lar. Papéis de submissão, de exclusão, de proibição a um gozo sexual e, concomitantemente, uma obrigatoriedade ao exercício sexual, já que ser esposa e mãe era o papel social exclusivo a que se destinavam. A essa contraditória exigência, as mulheres reagiam adoecendo; adoeciam denunciando o sistema de expectativas sociais, organizado em relação a seu sexo, tanto produto quanto denúncia dessa cultura (Apignanesi & Forrester, 1996).

Freud (1930/1976) vai pontuar o mal-estar como decorrente do processo civilizatório, propondo o sofrimento psíquico como emergido da proibição ao exercício de sexualidade. Cria-se, dessa forma, um dos conceitos pilares da psicanálise: o conceito da repressão como manifestação da ação da cultura (aqui equivalendo à civilização), originando-se do que é ou não permitido em

<sup>3</sup> Retirada do Projeto de Tese de minha autoria, chamado *“Castração, um conceito revisitado”*.

obediência a um dado tempo e lugar. Foucault (2001) assinala-nos uma sexualidade que não é objetiva: fala-nos da subjetividade com que a sexualidade constitui-se. Costa (1999) o referencia ao propor que “as sexualidades ocidentais foram construídas alternadamente por momentos de repressão e incitação ao surgimento de novas crenças e condutas eróticas” (p. 27).

Os conceitos, assim como tudo que se refere ao humano, sofrem mudanças ao longo de sua existência. Muitos conceitos podem deixar, inclusive, de ter importância, em função de mudanças culturais.

Vivemos tempos em que as vivências expressam os borramentos das diferenças, quer sejam das gerações, dos sexos ou das hierarquias. É possível pensarmos a origem do proibido como similar ao emergido em inícios do século passado, com relação ao exercício da sexualidade? Tema que merece uma reflexão especialmente direcionada à alteridade, problemática em foco quando nos atemos às sociedades contemporâneas.

Em seu texto *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte*, no capítulo *Desilusão da Guerra* (1915), Freud (1976) teoriza sobre a marca inaugural no psiquismo humano do que é da cultura, marca efetivada no curso da vida, e da variabilidade da relação entre o que é da cultura e o que é da vida instintual, parte esta tomada como sendo inalterada. Sobressai uma proposta no sentido da variabilidade do que incide sobre o psiquismo, do que é da ordem da cultura.

Em 1930, aborda, em *O Mal Estar na Civilização*, o irremediável antagonismo entre a demanda da pulsão que busca satisfazer-se, ligada ao princípio do prazer, e as restrições impostas pela cultura, sustentadas no princípio de realidade. A cultura é uma criação do homem, postula, tomando como referência o Tabu do Parricídio e o Tabu do Incesto. O mal-estar relaciona-se com a busca desenfreada pela felicidade que encontra, na realidade, seu forte inimigo e a origem de seu sofrimento. É preciso que haja censores para a obtenção do prazer do homem civilizado, que sejam estabelecidos controles sobre os desejos considerados perigosos. A indagação que se faz diz respeito à possibilidade de considerar-se perigoso em épocas distintas a mesma questão. Pergunta-se o que é da castração? Qual norma qualifica o incestuoso e o que está no pressuposto da Lei? É preciso que se considere um tempo e um lugar.

Enuncia-se o conceito de castração – um dos tantos que emergem quando das discussões relacionadas à atualidade dos conceitos psicanalíticos – sobretudo porque ele, na tríade Édipo/castração/repressão, norteia a teoria da sexualidade, uma das portas de entrada da psicanálise para o mundo do conhecimento científico e cultural. Freud, ao propô-la, apresentou-a como vivência que se oferece como organizadora do aparelho psíquico, sustentada no seu temor e gerando a saída do narcisismo. Ao pensar uma psicologia que fosse além da consciência, uma metapsicologia, a castração deixa de emergir como perda de uma parte do corpo e assume o lugar de perda de algo valioso para a cultura. Em seu processo de criação de uma nova teoria, debateu-se entre pressupostos que permeavam sua origem de médico – e, portanto, ligados ao que é da evidência biológica – com construções teóricas que se estendiam além do corpo biológico e que transitavam pelo terreno do inconsciente, por aquilo que se desconhece. A idéia de castração é paradigmática dessa questão. O desvinculamento da questão da reprodução e da sexualidade é oferecido ao ser proposto o direito à sexualidade das crianças, não aptas biologicamente à reprodução, entregando-lhes a possibilidade de um prazer através do corpo. “Uma característica da idéia popular sobre a pulsão sexual é que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida descrito como puberdade” (FREUD, 1905/1976, p. 177). Sexualidade se diferencia de genitalidade.

À experiência de castração, Nasio (1995) chama de *experiência psíquica completa*, ressaltando o fato de essa ser uma vivência inconsciente. Refere em outro momento, também ser a fantasia com que todo ser, neurótico ou não, deverá se enfrentar.

A vivência da castração gera, na criança, a dolorosa e angustiante percepção da diferença e, sobretudo, abre caminho para o reconhecimento da falta. Entretanto, é importante ressaltar-se a idéia de que a vivência de castração não é única e tampouco cronologicamente vivida, ainda que seja singular e básica como experiência fundante. Podemos pensá-la como presente a cada momento em que se renova a necessidade de um confronto entre desejo e limite. O que se coloca como limite? Quais limites podem ser estabelecidos, como cânone, em uma sociedade que se marca pela demanda de aceleração, da eficácia, da fugacidade?

De acordo com as premissas freudianas, esses limites ligam-se às vivências infantis, constitutivas do aparelho psíquico, apesar de, como anteriormente referido, passíveis de transformações à luz de relações posteriores. Dessa forma, a castração é tomada como constitutiva do psiquismo, pois se refere a normas que se constituem em um tempo, ao mesmo tempo em que constituem um tempo, oferecendo e se apropriando de diferentes modos de subjetivação.

## ***A sociedade de aceleração***

Em uma reflexão acerca das formas de interação e subjetivação na contemporaneidade, Hausen (2000) toma como uma possível vertente de análise aquela que diz respeito à velocidade e fugacidade com que as pessoas são marcadas em nossos tempos. Novas tecnologias se oferecem, conhecimentos são produzidos e transmitidos assinalando a instantaneidade e fluidez dessa transmissão. Tecnologias e saberes apresentam-se, gerando transformações em estruturas clássicas que, de um dia ao outro, deixam de sê-lo já que se desatualizam: o lugar da família, a união sexual como única capaz de gerar filhos, as hierarquias.

A velocidade é vista pelo arquiteto-urbanista francês Paul Virilio como a ferramenta que alavanca o mundo moderno. É ele que cunha o termo *dromologia*, a lógica da corrida, associando as distâncias-espaço às distâncias-tempo e, assim, ao abrir este campo de reflexões, propõe a alteração da concepção moderna de tempo. Apoiado nesse referencial, Silva & Gauer (1998) afirmam: “a aceleração e instantaneidade que as novas tecnologias proporcionam acabam por transformar a percepção do espaço e do tempo, inscrevendo no tecido social novas formas de deslocamento e apreensão de informações” (p. 41).

Gauer (2004) refere-se à fetichização da velocidade e à questão da inquietação ser tomada como forma privilegiada de conhecimento, com a promoção do hibridismo ou o culto ao presente e ao instantâneo promovido pelas novas tecnologias. Enfim, a consagração da própria velocidade e a “eliminação” do espaço.

Em um outro momento, ao debater o tema *Ensino clássico e tendências atuais, questionando-se onde está a Universidade*, Hausen (2000) reporta-se a um tempo, o atual, em que o conheci-

mento se oferece como informação, podendo formar ações, mas também formatá-las. Refere-se às relações marcadas pela virtualidade e a rapidez e facilidade com que são interrompidas unilateralmente ao simples toque de uma tecla, no computador. Relações que se fazem à própria imagem e semelhança, borrando as diferenças.

Passamos do tempo extensivo da história ao tempo intensivo de uma instantaneidade sem história, em que os acontecimentos desvanecem-se, perdem-se, “pois já não há idéias em luta com os fatos” (Gauer, 2004). Os acontecimentos não são apreendidos, uma vez que as imagens não se fixam, mas escapam pela fluidez da velocidade.

Bauman (2001) contribui com esta questão da fluidez e instantaneidade referida ao contrapor um tempo fluido atual à definição de modernidade como “mais do que qualquer coisa, *a história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (p. 129).

Toda esta preocupação com um mundo veloz passa a atmosfera de uma sociedade que percebe as coisas de um modo peculiar, onde tudo anda rápido: pensamentos passam ao ato sem passarem pelo tempo da crítica, da postergação.

Para Gauer (2004), pode-se observar como a percepção humana se altera com o desenvolvimento de um tempo baseado em alguns valores que se poderiam chamar de velozes. Simultâneo ao ataque à percepção, ataca-se também a capacidade de abstração, de fazer relações, de internalizar conceitos. O simbólico desvanece-se.

Nas sociedades de aceleração, o proibido está vinculado, talvez, à idéia de que não é permitido *perder-se tempo*, uma vez que se normaliza um tempo intensivo, que abrevie processos e acelere ritmos. Dessa forma, também abrevia e acelera o tempo necessário à elaboração, demandado pela postergação e que viabiliza o acesso à simbolização.

O tempo é um atributo do homem. O tempo é percebido como o tempo que passa; o tempo se expressa do ponto de vista individual ou do ponto de vista da cultura. Assim, o tempo pára, o tempo passa, dependendo da vivência psíquica de cada um. Homens e mulheres passam com o tempo. O corpo modifica-se com o tempo, a noção de tempo sofre alterações. O que fazíamos, apressados ou lentamente, pode se alterar com a passagem do tempo. Nesse trabalho, busco na história da cultura ocidental a concepção de tempo dos pensadores.

Inserida no decurso da história, a idéia de tempo passou por diversas epistemologias e formas.

### ***Algumas concepções acerca da noção de tempo***

Tudo flui, dizia Heráclito de Éfeso, na Antigüidade; nada dura para sempre. Interessar-se pelas mudanças é, em última análise, interessar-se pelo tempo. Parmênides, racionalista, contemporâneo e opositor do pensamento de Heráclito, acreditava na eterna temporalidade do mundo. Sua visão era de um tempo infinito e pontual, dado que sempre existe e nunca se modifica. Por ser estático, pode-se dizer que, para Parmênides, o tempo era uma ilusão.

Demócrito, criador da teoria atômica, em um amálgama de Parmênides e Heráclito, afirma ser o mundo composto de pequenas partículas eternas, infinitas, indivisíveis e diferenciadas, agrupáveis de diversos modos, a fim de formar as coisas que existem. Átomos são eternos; o tempo, também, eterno deve ser. A concepção platônica de tempo sofre as conseqüências de seu pensamento acerca de um mundo dos sentidos em que tudo flui, nada é eterno. O mundo das idéias, onde as formas são eternas e imutáveis, é inafiançável através dos sentidos. Para Platão (2000), o mundo verdadeiro era o mundo das idéias. O tempo era eterno e pontual. Aristóteles (2000), seu discípulo, afirma, ao contrário, ser o tempo justamente o número de movimento com respeito a antes e a depois.

Com o início da Idade Média, reina absoluta a premissa da eternidade espiritual. Atrela-se a ela a da eternidade temporal. Dois filósofos católicos falam sobre isso. Santo Agostinho (2000) imagina Deus como o mundo das idéias eternas e perfeitas. Eternidade que leva a concepção de um tempo infinito. O que é, questiona-se, o tempo? Ao que responde não saber sempre que alguém lhe faça essa indagação, propondo que o presente possui lembranças do passado e expectativas do vindouro. Em *Confissões*, propõe: “Não medimos o que não existe. Ora, as coisas pretéritas ou futuras não existem. Como medimos nós o tempo presente, se não tem espaço? Mede-se quando passa. Porém, quando já tiver passado, não se mede, porque já não será possível medi-lo” (p. 328).

Também São Tomás de Aquino (2000) tinha Deus como a causa primordial, postulando o caráter de eternidade ao tempo no pressuposto de que, havendo mundo, Deus existirá e será eterno. Assim como tudo o que foi criado por ele. Inclusive o tempo.

No período histórico que segue à Idade Média, duas modificações dão novo rumo ao pensamento humano: a Reforma e o Renascimento. No Renascimento, há a valorização da ciência, em oposição ao divino, transformando-a em dogma científico. Cria-se uma nova maneira de interpretar o mundo e, conseqüentemente, o tempo. Descartes (2000) e Leibniz (2000) falam a partir da crença na eternidade de Deus, atribuindo ao tempo também esse pressuposto. Leibniz (2000) apresenta-nos a sua concepção relacional de tempo, afirmando-o como a ordem das coisas não contemporâneas. Para tanto, postula a ordenação de elementos pela relação de posterioridade, anterioridade ou contemporaneidade.

Seu contemporâneo, Isaac Newton (2000), diverge radicalmente ao propor o tempo como absoluto, verdadeiro, matemático, fluindo uniformemente, pela sua própria natureza, sem que se faça necessária uma relação com nada externo. O fluxo do tempo absoluto não é sujeito a nenhuma mudança. Já o tempo relativo ou relacional é construído baseado em eventos e em diversas relações existentes entre estes eventos. O tempo é, então, imutável, uma vez que não se relaciona com nada externo. Conclui-se, também, que as mudanças ocorrem no tempo, sem que ele interceda para que tais mudanças ocorram, ou que estas mudanças influenciem a passagem do tempo. O tempo absoluto não é considerado na particularidade de cada coisa ou mudança, mas sim relacionado a todas as coisas.

Para Kant (2000), é impossível certificar-se de como é a realidade, uma vez que a mente humana a molda de forma a que faça sentido. O tempo seria uma dessas estruturas que compõem a estrutura da mente e que recria ou inventa a realidade. Concebe o tempo como uma forma estabelecida *a priori*, independentemente da experiência sensitiva. A simultaneidade dos fatos e sua sucessão estariam impossibilitadas de serem percebidas se a representação apriorística não lhe servisse como fundamento. Kant (2000) afirma que todas as coisas que formam o tempo podem sumir ou inexistir, mas o próprio tempo não pode desaparecer ou inexistir.

É com Nietzsche (2000) que podemos ilustrar a concepção de tempo da Idade Moderna. É sua a idéia de tempo, universalmente conhecida como o *Eterno Retorno*:

O tempo, sim, em que o todo exerce sua força, é infinito, o desenvolvimento deste instante tem de ser uma repetição, e também o que o gerou e o que nasce dele, e assim por diante, para frente e para trás! Tudo esteve aí inúmeras vezes, na medida em que a situação global de todas as forças sempre retorna (p. 439).

De acordo com a visão circular do tempo, tudo o que ocorre torna a se repetir, opondo-se à teoria da linearidade do tempo, quando este flui em um *continuum* em que fatos que ocorrem nunca mais tornam a ocorrer.

Einstein (2000) foi o responsável por uma das grandes mudanças na história do conceito de tempo, ao lançar as bases da Teoria da Relatividade. Externa à idéia da relatividade do simultâneo: a ordem de tempo dos acontecimentos amplamente separados pela distância é arbitrária. Importante abandonar o sentido objetivo dessa simultaneidade. Se ela é subjetiva, o que se subentende é que existem vários tempos, e não somente um tempo fixo, ou, por outra, que o tempo é relativo.

O tempo, para a psicanálise, não é o tempo da cronologia. A temporalidade humana inscreve-se em um tempo cronológico. Laplanche & Pontalis (1995) o afirmam como percepção e codificação do homem, sendo a temporalidade humana peculiar e inerente à sua condição, com ritmos e intervalos subjetivos. Le Poulichet, (1996) vai propor a singularidade de devir de cada experiência, impossível de ser reduzida a um esquema linear de progressão ou tampouco a uma fórmula que abarque uma noção única de um tempo lógico.

Quem detecta a passagem do tempo é quem pode ter vivido um tempo que já passou, quem pode ter vivido o luto pela perda da onipotência, quem se defrontou com a perda dessa ilusão. Castração que transcende àquela relacionada à perda anatômica, já que leva ao reconhecimento do outro, sendo a moeda de passagem do narcisismo ao edipiano, gerando, portanto, um novo momento psíquico.

## ***A castração, organizador de um tempo e lugar***

Emergido desde o campo da anatomia, é com o *pequeno Hans* (1909), o garoto Herbert Graf, filho de pais diferenciados para a época e que desejavam dar-lhe uma educação livre dos preconceitos freqüentes em relação à sexualidade, que Freud (1976) introduz, via clínica, o conceito de castração.

Anteriormente às observações sobre o menino, embora seu fruto também, o tema da castração fizera sua aparição teórica em dois textos: *Os Três Ensaio para uma Teoria da Sexualidade* (1905) e *As Teorias Sexuais das Crianças* (1908).

No primeiro, Freud (1905/1976) comenta ser a suposição de uma genitália idêntica entre os sexos um pressuposto de verdade entre as crianças. É uma das teorias sexuais infantis usadas para dar conta do enigma do nascimento, da questão oferecida pela esfinge: *afinal de contas, quem sou eu?* Ao perceber a diferença anatômica entre os sexos, a criança primeiramente pensaria que ela ocorre no campo da presença/ausência do genital masculino, designando-se a ele o valor de falo. Valor construído em um tempo em que ao homem era delegado o lugar central. Dessa forma, o pênis, da ordem do biológico, emerge como simbólico de um valor que a cultura lhe atribuía. Podemos questionar que atributo constitui-se como fálico nas chamadas sociedades atuais.

Ao dar um estatuto de verdade à teoria sexual infantil de que homens e mulheres possuem um pênis, o faz justificando haver o reconhecimento, pela biologia, de que clitóris e pênis são homólogos, como também à questão da visibilidade do órgão genital masculino. Refere uma fisiologia semelhante, o que o torna sede de excitações, excitabilidade que confere à atividade sexual da menina um caráter ativo.

É, no entanto, em 1923, com o texto *A Organização Genital Infantil: uma Interpolação na Teoria de Sexualidade*, que mais claramente é teorizada a noção da castração. Isso se deve à concepção de um estágio fálico: clareia-se mais a idéia de um tempo no qual não há, por parte da criança, uma discriminação entre os genitais feminino e masculino. É bem verdade que, já ao relatar o caso do pequeno Hans, Freud ([1909]1976) inscreveu pela primeira vez na teoria psicanalítica a expressão *complexo de castração*, dando o nome de *morismo fálico* ao período em que impera esta crença.

Ao divulgar suas idéias acerca das primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, Freud ([1925]1976) declara ser um hábito tomar como tema de investigações a criança do sexo masculino, o menino. “Sinto-me justificado em publicar algo que está em urgente necessidade de confirmação, antes que seu valor, ou falta de valor, possa ser decidido” (p. 310).

Para a psicanálise freudiana, é significativa a ligação entre o órgão sexual masculino e a castração, uma vez que o temor a ela só existe devido ao valor atribuído ao pênis, sendo a ele atribuído um valor de *falo*, constructo com relação ao qual Leclair (1977) postula ser um referente da ordem do inconsciente, não podendo, portanto, constituir como um conceito:

(...) tal como um número primo que propusesse a sua impossível divisão, ele escapa pelo fracionamento de sua unidade a toda e qualquer inscrição. Isso significa que não existe nem imagem, nem texto do falo: só o encontramos através dos corpos no momento do gozo, no risco do amor. Seu único conceito é inconsciente: é o da castração (p. 28).

Freud (1923/1976) trabalha com o conceito de *a posteriori*, ao afirmar que, para que a ameaça de castração tenha um efeito psíquico, viabilize o esquecimento no inconsciente do desejo proibido, é preciso que duas noções se liguem, mesmo que tenham sido postuladas em tempos objetivos distintos: a visão dos órgãos genitais femininos e a ameaça (ou alusão a ela) da castração. A simples visão dos órgãos genitais femininos é insuficiente por si, pois prevalece a crença onipotente da universalidade do pênis como órgão genital e a recusa em perceber as diferenças, pressupondo que o que não vê é porque ainda não se desenvolveu. Inclui-se aqui a noção de monismo fálico, conceito que contempla a noção de que, para a criança, existe apenas um órgão genital, aquele que é visível (Freud, 1923).

Mais uma vez, ao escrever *Um Estudo Autobiográfico* (1925), reporta-se ao seu conceito de genitalidade e de sexualidade, tema com que inicia seu prefácio à quarta edição dos *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905). Afirma enfaticamente estar a sexualidade divorciada da sua ligação por demais estreita com os órgãos genitais, sendo considerada como uma função corpórea

mais abrangente. O prazer é a sua meta e, só secundariamente, vem servir às finalidades de reprodução (Freud, 1976).

O Complexo de Castração compõe com o Complexo de Édipo a base na qual a estrutura dos desejos funda e institui o sujeito em sua relação com o mundo, operando em sua subjetivação. É a possibilidade de reconhecer que os limites do corpo estão aquém do desejo, é admitir a quebra de um sentimento de onipotência que o Eu insiste em sustentar, em sua relação imaginária com o outro. É a quebra de uma forma idealizada de ser no mundo. É criador e criatura da cultura, percussão e repercussão do que se oferece como organizador social.

A castração, como símbolo, está permanentemente se repetindo, ao longo da vida do sujeito, delatando, denunciando, a impossibilidade de se apreender o mundo em suas relações afetivas através de um Eu. Repete-se, assim como foi anunciada por predecessoras vivências de perda: o seio materno e o produto de seu corpo quando da experiência do controle esfinteriano.

Remete-se, de forma ampla, a uma alusão à função do pai como o portador da lei que interdita e normatiza os limites da relação diádica da mãe com o filho. A aceitação dessa castração, por parte do filho, constitui o registro simbólico, o ingresso no triângulo edípico propriamente dito e representa o grande desafio às ilusões narcisistas (Zimerman, 1999).

Enquanto oportunidade de saída de um mergulho em si mesmo narcísico, a castração enquanto norma pode apresentar-se das mais diversas formas. A lei da interdição pode se vestir de maneiras diversas, por exemplo, na forma em que se estabelece as relações com ela, a sua aceitação ou transgressão através de atos de violência, manifestações no corpo e do corpo. A castração é proposta, então, como a submissão a uma norma, postulada em um tempo e lugar.

### ***O que organiza o nosso tempo? Que tempo construímos?***

Se pensarmos um tempo, o século passado, o século em que se funda a psicanálise, o século da modernidade, sobretudo em sua primeira metade, podemos nos ater e identificar um tempo em que a norma tangente à sexualidade se consti-

tuía enquanto repressão. O acesso ao corpo era proibido. Às crianças não se permitia o prazer da descoberta do próprio corpo, o prazer oriundo da manipulação. A curiosidade em relação a si própria e ao corpo do outro era castigada, a excitação punida e tomada, portanto, como algo indesejável. Era preciso esperar. Esperar o tempo da puberdade e a possibilidade que esse tempo oferecia para a adolescência florescer.

A mulher subordinada ao pai a quem devia obediência e a quem podia até odiar, mas que, sobretudo, era alguém a ser respeitado, já que era ele o representante da lei e portador do direito à interdição. Em nome desse dever, da submissão à lei e à cultura muito seguidamente, a jovem negava-se o direito de desfrutar do seu próprio corpo e do corpo do outro. A emoção do prazer, o uso do corpo como sua fonte, era muito freqüentemente contido em nome de entregar um corpo virgem, nunca antes maculado àquele a quem amava; o homem, em respeito à mulher amada, não a tocava sexualmente o que faria com que perdesse o respeito que o social impunha e constituía, precisando abrir mão da realização de um desejo da ordem do sexual para respeitar este mesmo corpo, o corpo daquela que seria esposa e mãe. Por ordem do outro, incorporador dos ditames preconizados pela cultura, abria-se mão do sexual. Amor e desejo dissociados, no tempo e no objeto. O sexual era o proibido, a repressão o mecanismo privilegiado. Mecanismo este que permite o deslocamento pulsional, gerando a dissociação entre a energia pulsional e a idéia que a representa. Também aqui era preciso esperar. Esperar que pudesse se integrar em um só objeto a carnalidade do desejo sexual, com a ternura do amor, do respeito, da admiração.

Ambas as esperas se faziam à luz do estatuto da obediência.

Se pensarmos a repressão hoje, enquanto um mecanismo de supressão, de exclusão da consciência de um desejo proibido, o genital pouco é reprimido. A proibição não se insere como organizadora. As relações sexuais são permitidas, toleradas ou incluídas, arroladas como um dos possíveis temas ou problemas com que os pais dos muito jovens precocemente terão que se haver. Ações que os muito jovens se permitem e mesmo se obrigam a falar e executar. Não se ordena esperar. Muitas vezes mesmo antes que a criança se torne púbere, os pais se atêm à questão da

informação sexual, do preservativo, da AIDS. Muito freqüentemente ainda não perguntaram à criança sobre a escolha amorosa e já se ocupam com a questão do relacionamento sexual, antecipando no tempo um desejo que ainda não emergiu. A ordem é do uso do corpo, da descarga mais do que da espera.

A adolescência emerge como prévia à puberdade. O que se refere ao jogo sexual, ao movimento de se anunciar ao mundo como portador de um desejo vem em primeiro lugar, sem que o corpo tenha se preparado para isso. Não havendo um tempo e um espaço necessário para que, com o desenvolvimento biológico, instaure-se uma demanda psíquica, o corpo age, falha a imaginação, falha o simbólico. Abrem-se as possibilidades para que emerjam anorexias, bulimias, predações do corpo do outro e do próprio corpo, violência e atuação.

O sexual deixa de ser reprimido; do relato passa-se ao ato. O que se permeava pela inquietude da espera, do sonho, realiza-se de forma imediata. É um tempo em que a exterioridade se constitui como mais importante que a interioridade. A patologia do nosso tempo se expressa por uma paulatina e crescente perda da auto-estima, do sentimento de si e da capacidade de amar. A corrente da ternura escasseia. A do sexual transborda.

Da norma da repressão, há uma passagem à norma da liberação do sexual/carnal, podendo levar a que o afeto ceda espaço para a tomada do corpo do outro como objeto de gozo tão somente. Sem que haja o tempo necessário para que se processe o reconhecimento da diferença, a tolerância ao outro, o reconhecimento do limite e a conseqüente busca da complementaridade, a escolha é rápida porquanto baseada na semelhança, no que supostamente se conhece, no si-mesmo.

Seguir sendo objeto do desejo dos filhos é prazeroso aos pais, uma vez que isso leva a que não se marque a passagem do tempo, não se marque a diferença das gerações. O *não* da castração, o *não* do interdito leva ao rompimento do incestuoso e, conseqüentemente, prepara a criança para a escolha de um outro objeto, para que nele, nesse novo objeto, confluem as correntes do sexual e da ternura, anteriormente investidas nos pais. Mãe e pai desencadeiam, nesse momento, o processo que vai levar o filho a desejar e amar alguém que



deixa de ser eles. É a passagem do tempo. É a castração enquanto proposta de renúncia a esse desejo incestuoso e, sobretudo, pelo reconhecimento de um outro tempo. É a noção de um passado e de um presente.

Reproduzo a contribuição de Gauer (2004), inspirada em Vattimo, quando se refere a “(...) uma crescente falta de fé na razão clássica como topos privilegiado e unívoco a partir do qual avaliar o presente e o futuro, [e o da] carência de credibilidade nos grandes relatos legitimadores (metarrelatos) que davam sentidos a esse presente e ao futuro que se havia de seguir” (s/p).

Se já não há um relato único que nos conduza, encontramos-nos em uma situação na qual a verdade, tal como relatada nos metarrelatos que davam sentido e legitimação a tempos tão diversificados e que legitimavam posturas que se mantinham, fazendo com que a continuidade prevalecesse diante da fragmentação e da descontinuidade, já não possui lugar. A imagem dada por Vattimo (1980), a este respeito, é a de uma sociedade sem pai, na qual cada um deve ser seu próprio pai e constituir-se em sua própria autoridade, e na qual cada indivíduo vê-se obrigado a inventar condutas. A ordem familiar de que a casa dos pais deve ser abandonada não se efetiva. Com a permissividade do sexual, não se ordena o abandono do infantil, não se impede a permanência do incestuoso, como também não se impede que, pela frustração do desejo, o filho, a filha, saia da casa dos pais em busca da sua própria.

Quando da vivência do Édipo, vai propor Freud (1976), em seu texto clássico de 1924, os pais (ambos) serão desinvestidos da carga erótica, desinvestidos como objetos incestuosos e, portanto, desinvestidos como objetos sexualizados. Dessexualizados, muda o investimento, a ternura passa a ser a corrente prioritária que liga a criança a seus pais. É com o abandono, pela proibição, pelo temor à castração, que há mudança do investimento, que se faz a dessexualização do investimento. É nesse trânsito do endógeno para o exógeno da criança na relação com seus pais, no jogo do investimento e da proibição, que se instala a repressão e que a criança vai podendo aprender a amar ternamente aos pais. Uma vez que já experimentou o sexual dessa relação pode, agora, deixar confluir em um outro objeto, exogâmico, as duas correntes: a da ternura e a do sexual. Pode, dessa forma, amar, respeitar, admirar aos pais. O sexual passa a ser

dedicado a um outro objeto que também será amado, respeitado e admirado. É preciso tempo: tempo para a renúncia, tempo para o gozo.

A sociedade de aceleração postula outra exigência enquanto metáfora da castração: que o tempo seja o da instantaneidade, que não se perca tempo, que se normatize um tempo intensivo, que os corpos sejam obrigatoriamente usados, que a espera seja desqualificada enquanto tempo de passagem do desejo à ação. Retomo *O Mal Estar na Civilização*, quando Freud (1930/1976) postula como origem do sofrimento a *inadequação das normas que regem as relações do homem na família, no Estado e na sociedade*. Dessa forma, a desobediência à norma proposta qualifica de forma diferente o proibido, o incestuoso. Resta indagar: Qual norma constitui o incestuoso e o que está no pressuposto da Lei?

## Referências

- Apignanesi, L., & Forrester, J. (1992). **Las mujeres de Freud**. Buenos Aires: Planeta.
- Bauman, Z. (2001). **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Chemama, R. (1995). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, J. F. (1999). **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco.
- Freud, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908). **Sobre as teorias sexuais da infância**. In Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1909). **Análise da fobia de um menino de 5 anos**. In Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1915). **Reflexões sobre os tempos de guerra e morte**. In Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- Freud, S. (1923). **A organização genital infantil: uma interpolação a teoria da sexualidade.** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9, pp. 177-184). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1925). **Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19, pp. 303-320). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1925). **Um estudo autobiográfico.** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20, pp.13-92 ). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1930). **O mal estar na civilização.** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21 pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Focault, M. (2001). **A vontade de saber.** In . Foucault, M. A história da sexualidade (Vol. 1, pp. 9-152). Rio de Janeiro: Graal,.
- Gauer, R. (2004). Contribuições feitas ao Exame de Qualificação do Projeto de Tese de Doutorado **“Castração: um conceito revisitado”**. Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Hausen, D. (2000). **Ensino clássico e tendências atuais: onde está a universidade?.** In Hausen, D. I Jornada Estadual De Estudantes De Psicologia: “Da universidade à vida profissional: os caminhos de nossa formação”, Porto Alegre-RS.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (1995). **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes.
- Leclair, S. (1977). **Mata-se uma criança: um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte.** Rio de Janeiro: Zahar.
- Le Poulichet, S. L. (1996). **O tempo na psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nasio, J. D. (1995). **Os sete conceitos cruciais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Os Pensadores. **Aristóteles:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Descartes:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Kant:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Leibniz:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Newton:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Nietzsche:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Platão:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Os pré-socráticos.** Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **Santo Agostinho:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Os Pensadores. **São Tomás de Aquino:** Vida e Obra. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.
- Silva, M., & Gauer, R. (1998). **A velocidade e as novas tecnologias na educação contemporânea. tempo/história.** Porto Alegre: Edipucrs.
- Vattimo, G. (1980). **As aventuras da diferença. o que significa pensar depois de Heidegger e Nietzsche.** Lisboa: Edições 70.
- Zimerman, D. (1999). **Fundamentos e técnicas psicanalíticas.** Porto Alegre: Artes Médicas.

Recebido em/ received in: 26/11/2004  
Aprovado em/ approved in: 01/03/2005